

Reflexões acerca de um Currículo Multicultural

Que educação quero para o futuro?



Ana Carla Barros Sobreira

A campanha “Que Educação quero para o futuro” é organizada pela Bookess Editora e Livraria Internacional SBS, através de seu programa SBS +Educação.

BOOKESS
SBS
+EDUCAÇÃO

QUE EDUCAÇÃO QUERO PARA O FUTURO?

Reflexões acerca de um currículo multicultural

Universidade Federal de Uberlândia
Mestrado em Estudos Linguísticos

ANA CARLA BARROS SOBREIRA

Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia. Desenvolve pesquisa na área de Letramento Crítico em Contexto Indígena nas comunidades de *Coliviri* e *Machacoya* na região do *Ayllu Pacajes*, no altiplano boliviano, Andes, América do Sul, sob orientação do Prof. Dr. William Mineo Tagata.

O conteúdo desta obra, inclusive revisão ortográfica, é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao publicar, os autores declaram que leram e estão de acordo com os Termos e Regulamento de Publicação dos textos "Que educação quero para o futuro?"

Que educação quero para o futuro?

Reflexões acerca de um currículo multicultural

Introdução

As discussões acerca da construção dos currículos estão ocupando importância e espaço na atualidade, e é assim que identificamos um grande crescimento de teorias no campo curricular. Para entender essa discussão, uma primeira reflexão é necessária, que é entender qual é a concepção do currículo que temos. Antes de tentar encontrar uma resposta objetiva, devemos levar em conta a relação entre currículo e poder, já que não há neutralidade no currículo. Os currículos são carregados de ideologia e de intenções. É no momento da construção dos currículos que definimos que tipo de sociedade vamos construir, o que a escola faz e o que não faz. É também na elaboração das propostas curriculares que são escolhidos os conteúdos que ajudarão as pessoas a entender melhor sua história e seu ambiente.

Neste artigo quero discutir os currículos como um campo político-pedagógico onde as diferentes relações entre sujeito, conhecimento e realidade constroem novos conhecimentos. Nesse processo dinâmico e dialógico, a realidade é o andar em que o educador e o aprendiz constroem seus processos de aprendizagem. Visualizando o currículo como um componente educacional significativo, acredito que este deve ser produzido e implementado a partir de necessidades específicas, onde a realidade social, econômica, política e cultural são propostas de desafios e necessidades históricas, localizadas em um determinado tempo e lugar. Nesta perspectiva, podemos dizer que no momento em que contextualiza-se

o currículo exige-se a “(...) inclusão de questões locais, regionais e de contexto que, historicamente, não merecem atenção nem destaque dentro do ensino, das metodologias e processos da educação burguesa.”(MENEZES e ARAÚJO, S/D).

Entre currículos, conhecimento e vida cotidiana

O currículo apresentado nas disciplinas de um curso, mostra a organização do trabalho docente como uma definição de práticas que privilegiam as relações entre os conteúdos e fortalecem os aspectos de personalidade e comportamento. Ele está ligado ao cotidiano da escola, à sua forma de organização, ao modo de estruturar as relações entre o educador, o aprendiz e o saber. Este currículo, usando as palavras de Giroux (1986), é constituído por “(...) normas, crenças e valores imbricados e transmitidos aos alunos através de regras subjacentes que estruturam a rotina e as relações sociais na escola e na vida da sala de aula.” (GIROUX :1986: 71). É importante observar que este currículo nomeado por Giroux como "currículo oculto" está implícito nas relações sociais cotidianas de classe, da escola e da sociedade. Vemos então um conhecimento que é produzido socialmente e que gera as "expressões de saber".

O currículo escolar parece estar orientado pela sociedade de consumo, onde os saberes que deverão ser ensinados são preparados com antecedência, carregados de objetivos definidos como fundamentais para a adaptação do sujeito na sociedade, e para seu desenvolvimento no ambiente em que está inserido. Assim, uma relação vertical é estabelecida onde a relação entre conhecimento e sujeito não permanece apenas na escola, mas é parte de um

processo mais amplo de *feedback* e de reprodução das relações sociais em sua totalidade.

Nesse contexto, os currículos desenvolvidos nas escolas têm sua marcação cotidiana que é desenvolvida a partir da ideologia do dom e do mérito de alguns (poucos), sobre outros (muitos). Este currículo cria a "cultura do silêncio", alienação, padronização e relações unidirecionais e nas palavras de Dalben (1992), "(...) define o privilégio de algumas linhas do pensamento, de alguns livros didáticos sobre outros e gera um campo de prestígio das relações de dominação *versus* submissão." (DALBEN:1992: 32)

Portanto, o currículo nessa dimensão nos mostra o papel da escola como justificativa e legitimação de uma ordem social que mantém relações hegemônicas de desigualdade. E é assim que crescem as desigualdades na formação da força de trabalho, na qualificação do trabalhador, o que deixa a escola se estruturar em oportunidades desiguais e mantém relações sociais desiguais estabelecidas entre a escola, a sociedade, o professor, o aluno e o conteúdo escolar.

Os currículos devem ser o produto do conhecimento científico e não podem estar separados da realidade e da sociedade. Um bom educador deve estar atento ao cotidiano, às experiências, aos processos de produção das subjetividades dos alunos. É estabelecer relações entre o conteúdo escolar e as experiências cotidianas dos alunos.

Podemos perguntar, então, se podemos trazer o conhecimento cotidiano em processos de criatividade para o campo dos currículos, ensino e pesquisa. Existe agora a necessidade de valorizar a vida cotidiana como algo que encontramos na experiência e na observação. Devemos nos colocar no lugar do outro, assim como os pintores futuristas que se mantiveram em

posição diferente ao pintar uma pessoa encostada na janela de uma casa. Eles se inclinavam na varanda para experimentar a mesma sensação plástica da pessoa na janela. Esse método de nos situarmos no lugar do outro cria conceitos sensibilizadores, como as perspectivas êmicas desenvolvidas pela antropologia e pela etnossemântica, como também nos conceitos de ética de Bakhtin e Lévinas.¹ Os professores devem descobrir a conversa cotidiana, observar para descobrir as subjetividades como nas palavras de Pais (2013),

“É no cotidiano que se dá uma apreensão significativa do conhecimento intersubjetivo. Sendo assim, devemos, como nos ensinou Alfred Schultz, valorizar as falas do dia a dia, apanhados em contextos pulsantes de significantes e significados.” (PAIS 2013:S / P),

Temos que pensar em um domínio do conhecimento dentro da vida cotidiana onipresente, vivendo o conhecimento todos os dias e em todos os lugares, fazendo uma leitura social através do cotidiano. É uma metodologia que trata a aparência irrelevante como relevante, a aparência insignificante como significativa, que considera como objeto de reflexão o que acontece quando parece que nada aconteceu. É o que mais nos interessa é encarar o enigma do social, como por exemplo, a falta de sucesso nas escolas. O que temos que observar não é a falta de sucesso dos alunos de maneira objetiva, mas temos que questionar subjetivamente o que produz essa falta de sucesso.

¹ A filosofia de Lévinas(2009) se centra na responsabilidade incondicional e irrecusável não só com o Outro, mas com todos os Outros, e desde seus primeiros escritos Lévinas buscou entender o conceito de Alteridade. O pensamento ético para Bakhtin(1997) só pode ser entendido através de um ato único e individual do pensamento do sujeito desenvolvido em uma relação de alteridade com outros pensamentos e com outros contextos, pois, segundo o autor, uma dimensão ética plena só pode ser alcançada se o sujeito puder assumir a responsabilidade de pensar, valorizar, assinar e reconhecer o pensamento como seu e responder por ele.

Assim, temos que observar a escola em suas experiências escolares diárias. É observar, questionar, pedir para encontrar soluções no cotidiano de alguém. É encontrar na falta de sucesso dos alunos na escola o bem-estar subjetivo dos alunos. Está sendo Sherlock Holmes, um investigador. E que a "pedagogia investigativa" não apenas pergunte, mas também crie condições para ser questionada, para dar respostas a questões que não estavam previstas e de acordo com Martins (apud PAIS, 2003.op.cit.), “(...) promove um saber compartilhado: um desejo de conhecimento que não é apenas o do pesquisador mas que se estende a quem pesquisa. Daí a sua função pedagógica.”

O educador pesquisador tem que ser um observador secreto, engajar-se em observações invisíveis, como os anjos do filme de Wim Wenders "Asas do Desejo", um etnógrafo urbano, observando paisagens, sentindo os sentidos e vivendo todos os dias, descobrindo os pilares de conhecimento.

Currículo e a avaliação

Viver diariamente a pedagogia é também pensar no multiculturalismo porque a relação entre educação e cultura é intrínseca no contexto escolar. Temos que pensar em técnicas de avaliação para todos e com a ideia de que todos podem aprender. De acordo com Candau (2002) temos de mudar os currículos escolares e sua organização, porque, “(...) ao modificar a organização escolar é possível que diferentes alunos tenham reforçado seu poder de equidade na escola.” (CANDAU :2002: 90)

A avaliação deve relacionar legitimidade técnica e legitimidade política em sua realização. Quando falamos de legitimidade técnica nos referimos ao educador profissional e legitimidade política refere-se aos princípios de

reflexão coletiva e critérios referenciados nos projetos políticos e educacionais, a proposta curricular e as convicções de qual é o papel social exercido pela educação escolar.

O processo de avaliação deve estar dentro da experiência escolar e compreender esse processo é pensar na avaliação como algo inerente aos processos diários de aprendizagem, no qual estão envolvidos todos: professores, alunos, pais, a comunidade escolar como um todo. A avaliação deve ser entendida como uma estratégia pedagógica e deve ser praticada como parte de um todo maior.

Em nossa sociedade, é comum relacionar avaliar e medir. Mas nós, como educadores, temos que caminhar além dessa concepção. A avaliação deve ser uma atividade orientada para o futuro. Medida refere-se ao presente e ao passado e quando queremos obter informações sobre o progresso dos alunos. Avaliar refere-se à reflexão sobre as informações obtidas para planejar o futuro.

É preciso pensar em uma avaliação como uma experiência marcada pela lógica da inclusão, do diálogo, da construção da autonomia, da mediação, da participação, da construção da responsabilidade com o coletivo. E é neste contexto que pensamos novamente, como no início desse artigo, que todas as pessoas são capazes de aprender e que todas as ações educativas, estratégias de ensino e os conteúdos dos currículos devem ser planejados a partir das infinitas possibilidades de aprendizagem.

Todo processo de avaliação envolve juízos de valor ou apreciações. É apropriado para o ser humano projetar seu futuro e comparar o que ele alcançou. Os juízos de valor podem ser usados para o bem e para o mal e nas relações entre professor e aluno, as estratégias de ensino podem ser direcionadas com base em juízos de valor sobre os estudantes, e é assim

que se começa a orientar as relações que se estabelecem nos processos metodológicos e avaliativos.

Para Fernandes e Freitas (2007: 25) o professor deve sempre construir um bom relacionamento com seus alunos, um relacionamento motivador e positivo,

“(...) uma relação bem-sucedida, motivadora e positiva para com o estudante no processo de aprendizagem, no qual se evite o uso de procedimentos e ações que contribuam para a construção de uma autoimagem negativa.”

Há também um equívoco entre avaliação e reprovação. Há um ditado popular que afirma que, se os alunos não são reexaminados, eles não aprendem e saem da escola sem aprender o básico de linguagem e matemática, nas palavras de Fernandes e Freitas (2007: 26)

“Pode-se afirmar, igualmente, que mesmo nas situações de organização curricular baseada em ciclos e em progressão continuada, o fato de se eliminar o poder da reprovação dos instrumentos avaliativos não significa que não esteja havendo avaliação.”

O fracasso não garante uma melhor qualidade de ensino. O que constrói a qualidade do ensino são professores bem treinados e informados, as condições de trabalho, recursos materiais, ambientes agradáveis em escolas com espaços de estudo, pesquisa e relaxamento para professores e alunos, fazendo uso dessas condições com seriedade e responsabilidade para garantir a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos.

A avaliação deve ser utilizada como instrumento que também promova a autorreflexão e a autoavaliação, e nas palavras de Tagata (2017) a "auto reflexividade" pois essa prática leva a uma maior autonomia e

comprometimento dos alunos. A autoavaliação promove o diálogo proficiente entre os sujeitos da aprendizagem, a construção do conhecimento de forma mais criativa e menos mecânica, embora essa prática esteja longe do cotidiano da maioria das escolas.

Por um currículo multicultural

A escola pode ser considerada um lócus privilegiado para diferentes grupos culturais. Mas muitas vezes os currículos discriminam as origens culturais de seus alunos quando impõem uma educação comum e homogeneizadora e é isso que impede a criação de oportunidades educacionais iguais para todos. A escola precisa rever seus conceitos de relação entre o conteúdo do ensino à realidade, os valores diferentes uns dos outros para que haja participação e aprendizagem igual e efetiva e atenda a diversidade cultural na escola.

Os conteúdos, os programas, as organizações de tempo e espaço condicionam a estrutura escolar a considerar de maneira desigual a cultura dos alunos. De acordo com Sexton (2000) para a maioria dos professores a cultura dos alunos “(...) não tem correspondência com a qualidade real da cultura distribuída nas aulas(...) SEXTON (2000: 39)

A meu ver, temos que pensar no conhecimento contextualizado, em uma forma em que os alunos compreendam melhor a sua importância e sua relação com a vida cotidiana, esclarecendo dúvidas para as quais não se sabe as respostas, porque elas não estão no currículo. Para Silva (2002: 34), "Os valores, hábitos e costumes, ou comportamentos da classe dominante são aqueles considerados como constituintes da cultura. Os

valores e hábitos de outras classes podem ser qualquer outra coisa, mas não são cultura. "

O currículo deve dialogar com diferentes culturas e questionar qual é a reação dos alunos a diferentes situações pois eles vêm de diferentes grupos sociais e culturais. O conteúdo e as práticas curriculares devem fazer com que os sujeitos dialoguem com a unidade e com a diversidade sem destruir a identidade dos alunos.

As subjetividades de cada aluno não podem ser esquecidas em nome de uma suposta harmonia que faz da sociedade uma sociedade igualada por um modelo comum de cultura. O sistema educacional deve entender o pluralismo, e tentar encontrar a liberdade cultural sem prejuízo, com uma postura crítica, utilizando um currículo multicultural que concilia a identidade nacional em um mundo globalizado.

Um currículo multicultural pode harmonizar o conhecimento comum a todos os indivíduos com as particularidades culturais de cada grupo, não esquecendo as contradições entre as igualdades e desigualdades sociais e culturais. Na construção de currículos é importante encontrar uma visão geral do conhecimento e da complexidade do conhecimento que constitui esses currículos, pensar sobre os valores e tentar construir uma sociedade mais justa menos competitiva, mais igualitária e que está integrada a uma ética preocupada com a humanização de nossa sociedade, como Freire (200: 67) coloca,

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa visão é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão

viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que fizemos e o que fazemos.”

Entender a complexidade da dimensão humana, contribuindo para o desenvolvimento de indivíduos com suas identidades e seus próprios valores, não é uma tarefa fácil. A discussão sobre a construção do currículo envolve diferentes percepções, e nos faz entender que a escola está dentro de um contexto social e cultural onde ocorrem as relações de conhecimento e poder. Um currículo multicultural é crítico, político e tem como o mais importante a diversidade que vivencia o debate permanente sobre os problemas de preconceito e discriminação, para construir uma nova escola para um novo futuro em uma sociedade mais justa.

Referências

BAKHTIN, Mikahil. Hacia una filosofía del acto ético. De los borradores y otros escritos. Tradução de Adriana Bubnova. Anthropos. Rubi. Barcelona.1997.

CANDAU, V.M. Sociedade, educação e cultura(s). questões e propostas. Rio de Janeiro. Vozes.2002.

DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas. O currículo escolar e a realidade do cotidiano. Educ. Ver. Belo Horizonte.jun.1992. pp.15-30.

FERNANDES, Claudia de Oliveira. & FREITAS, Luis Carlos de. *Currículo e avaliação*. In: Indagações sobre currículo. Ministério da Educação. Secretaria de Educação básica. Brasília .2007. pp.17-39.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP.2000.

GIROUX, Henry. Teoria crítica e resistência em educação. Petrópolis: Vozes, 1986.

LÉVINAS, Emmanuel. Entre Nós. Ensaios sobre a alteridade. Tradução de Pergentino Stefano Privatto. Vozes. Petrópolis, 2009.

MENEZES, Ana Célia Silva & ARAÚJO, Lucineide Martins. Currículo, contextualização e complexidade: espaço de interlocução de diferentes saberes. Universidade Federal da Bahia. (S/F)

PAIS, José Machado. Entre culturas, pesquisas, currículos e cotidianos. Currículo sem Fronteiras.v.13.n.3.set/dez.2013. pp.361-374.

SACRISTÁN, J.G. O currículo. Uma reflexão sobre a prática. 3.ed. Porto alegre: ArtMed, 2000.

SILVA, T.T. Documentos e identidade: uma introdução às teorias do currículo.2. ed. Belo, horizonte: Autêntica,2002.

TAGATA, William Mineo. Letramento crítico, ética e ensino de língua inglesa no século XXI: por um diálogo entre culturas. RBLA, Belo Horizonte, v.17, n.3.2017. p.379-403.

BOOKESS ^{SBS} +EDUCAÇÃO

A campanha "Que Educação quero para o futuro"
é organizada pela Bookess Editora e SBS Livraria Internacional,
por meio de seu programa SBS +Educação.

www.sbs.com.br/sbsmaiseducacao

www.bookess.com/sbsmaiseducacao

SBS | livraria
internacional

www.sbs.com.br